Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

"OH, LIBERDADE! QUANTOS CRIMES SÃO COMETIDOS EM TEU NOME" -- (MADAME ROLAND).

Prezado leitor...

FOLHA DA JUVENTUDE, órgão oficial da A. J. C., é o teu jornal, e o de tôda a juventude.

Por isso mesmo todo jovem pode e deve colaborar.

O que gostarias de ver na FOLHA DA JUVENTUDE? O que achas da mesma? Tens alguma sugestão a fazer? O formato da mesmo, os artigos, as secções, te agradam? Se não, dize-nos com franqueza, dá-nos tua opinião que a receberemos com prazer.

Tôda correspondência deve ser endereçada para S. MIQUEL, Rua Padre Miquelinho, 17 — Nesta.

FOLHA DA JUVENTUDE

FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA -:- ORGÃO OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO DA JUVENTUDE CATARINENSE -:- ANO I — N. 2

Diretor HERONDINO MACEDO | Abril — 1947 | Redator-chefe ALDO SAGAZ

DR. ADERBAL R. DA SILVA

Num ambiente digno das grandes democracias do mundo foi o povo brasileiro no dia 19 de janeiro do corrente ano às urnas.

A volta do regimen democrático havia se concretizado; o povo escolhia os seus mandatários nos Estados.

Em Santa Catarina, como nos demais Estados, tudo transcorreu em plena ordem, pois em um ambiente de calma e liberdade puderam os catarinenses manifestar sua vontade frente às urnas.

O govêrno Central prometeu eleições livres, e elas se realizaram; cumpre agora respeitar a vontade popular empossando os eleitos.

Uma justa satisfação partiu dos jovens barriga-verdes, quando tiveram certeza que o futuro governador do Estado seria o sr. Aderbal R. da Silva, um homem jovem e um político idealista.

A "Folha da Juventude", órgão independente, sem filiação partidária, que pugna exclusivamente pelo interêsse de uma grande classe: os jovens; — não podia deixar de notar êste grande passo dado pela democracia brasileira, que vem colocá-la ao lado das grandes democracias do mundo, e assim sendo quer transmitir aos responsáveis pela liberdade do pleito de 19 de janeiro, suas felicitações pela maneira imparcial em que se colocaram.

Outrossim se congratula com o governador eleito, desejando-lhe um govêrno que satisfaça as aspirações de todos os catarinenses, independente de suas filiações partidárias.

Dr. Aderbal R. da Silva, felicidades na missão que lhe foi confiada pelo povo.

JUVENTUDE, UNÍ-VOS!

A. J. Sagaz

Êste é o apêlo que lançamos a todos os jovens concientes do seu dever, concientes do seu papel no desenvolvimento econômico e cultural de nossa terra. Unidos num grande amplexo, todos irmanados pelo mesmo ideal, deverão trabalhar, continua e ativamente, para o melhoramento do seu padrão de vida e levantamento do seu nível cultural. Dentro dos princípios democráticos, numa campanha patriótica, a juventude deverá fazer valer os seus direitos. Que se unam, pois, os jovens de todos os credos políticos, filosóficos e religiosos, sem diferença de classe social ou côr, para atuarem com entusiasmo e organizadamente, em defesa de suas reivindicações econômicas e universitárias (assistência médica, recreação, livro barato, melhor ensino, etc.), para lutarem por uma causa comum que de há muito vem se fazendo necessária: escolas noturnas gratuitas.

Para melhor êxito de suas campanhas, deverão adotar, antes de tudo, a política da tolerância: respeito às opiniões alheias para que as suas façam respeitar. Quando tiverem que emitir as suas opiniões, os seus pensamentos, que os façam baseados nos seus estudos, nos seus princípios, e não se deixem servir de porta-vozes àqueles que, não tendo coragem para virem às praças públicas expressar os seus falsos conceitos, se utilizam da incauta juventude para o fazer.

Cuidado, pois, jovens! Não se deixem arrastar por vãs palavras, ou por falsos preconceitos!

Que seja fruto de sua vontade, filho exclusivo de sua necessidade, o movimento que fizerem em pról de sua liberdade — liberdade econômica, liberdade cultural e liberdade de expressão. Não devem os jovens ter medo de errar. Devem, sim, tirar proveito dos seus êrros. Quando isto acontecer, ao envéz de esmorecerem, deverão mostrar-se mais enérgicos, estudando as causas do êrro e combatendo as debilidades. Se assim procederem chegarão com rapidez à fase mais elevada de sua emancipação.

Organizar-se através de clubes culturais, esportivos e recreativos; fazer intercambio com outros municípios, é o primeiro passo a ser dado para a união que ora concitamos. Estudar as possibilidades de criação de escolas profissionais gratuitas, acolher as realizações dos Governos Municipais, que venham em proveito da juventude, é o primeiro passo para as suas reivindicações. Realização como a da Junta Executiva Regional do Conselho Nacional de Estatística, do Estado, que vai promover, em cooperação com os Governos Municipais, a criação e a manutenção de bibliotecas públicas, nos municípios, deverá ter o mais entusiástico acolhimento, porque, vindo, como virá, beneficiar de muito o desenvolvimento cultural dos jovens estudiosos, de nossa terra, é uma realização digna dos maiores louvores. Cabe, pois, à juventude cooperar com os Governos dos municípios na criação de bibliotecas; doando e angariando livros para as mesmas.

E assim, passo a passo, a juventude irá se preparando para construir um Brasil melhor — o Brasil de amanhã.

Desenvolvimento Cultural Catarinense

Florianópolis (DEE) — Comentando as atividades do Instituto Nacional de Livro, em 1945, os periódicos da Capital Federal fazem resaltar a posição destacada que ocupa o Estado de Santa Catarina, quanto às bibliotecas existentes, situando-se em segundo lugar, logo após o Estado de São Paulo.

É o seguinte, o texto da nota referida:

"Apreciando o relatório das atividades do Instituto Nacional de Livro no ano de 1945, o Ministro da Educação congratulou-se com o diretor dêsse órgão, o escritor Augusto Meyer, pelo apreciavel aumento verificado nos indices numéricos de novos registos de bibliotécas em todo o país. São Paulo, que figura entre os Estados que mais concorreram para êsse aumento, continua ocupando o primeiro lugar, seguido de perto por Santa Catarina. Essa posição de pequeno Estado meridional não deve, aliás, surpreender ninguem, porque corresponde ao notavel progresso de suas atividades educacionais, sobretudo no ramo do ensino primario. As doações feitas pelo Instituto ás bibliotécas públicas e particulares de todo o Brasil atingiram á cifra de 125.000 volumes, e que dá bem idéia dos trabalhos que desenvolveu e do vulto do movimento editoral do país, no ano findo. Mas infelizmente, ao contrario de que se observou em São Paulo e Santa Catarina, em alguns Estados do Norte houve sensível queda no registo de novas bibliotécas, principalmente na Bahia, em Pernambuco e na Paraiba".

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

LITERATURA

TRÊS PERSONAGENS = OSCAR WILDE

Aulicus

Quem conhece o famoso livro de Oscar Wilde "O Retrato de Dorian Gray" e leu alguma coisa sôbre a vida do autor da obra, nota logo a estranha afinidade existente entre os tres personagens principais e o autor.

Poder-se-ia mesmo dizer que "os tres são um" e que êsse "um" é o autor. Se desejassemos parecer pedantes, classificariamos esses tres personagens como o trimurti. Sim, porque "êles tres" são "Oscar Wilde".

Num dêstes personagens — Lord Harry — Wilde cria a filosofia do lazer, do desprêzo ao mundo e aos preconceitos. Esta é a tese principal que êle defende e da qual faz a apologia em todo o livro.

Lord Harry é um tipo pedante, inverossimil, cheio de frases feitas e de atitudes e tiradas teatrais.

No outro — Dorian Gray — o autor põe em prática a filosofia do primeiro personagem. E vemos Dorian perambular sem rumo certo, cheio de uma infinda preguiça mental e física.

Dorian Gray é o protótipo do inutil, do gastador despreocupado, do homem que nunca se achará a si mesmo. Sua personalidade existante fá-lo pender sempre entre a virtude e o vicio. Seu desejo de algo novo, o conduz aos recantos sombrios, infectos e pobres da baixa Londres, onde êle entra em contacto com a mais infima e desprotegida das classes. E êle vê a miséria, a fome, as doenças, as tragédias pequeninas dos humildes que procuram no labor diário o "pão nosso de cada dia". Mas, isto não o comove. Êle olha para aquela imensa massa humana como se fosse para bonecos, simples bonecos de mola.

E no meio desta miséria que ele encontra uma flor maravilhosa: Sibil Vane. Mas em Sibil ele não vê a [illegible] sequiosa de amor e carinho; [illegible] isso sim, a reincarnação de [illegible] amantes celebres que [illegible]. Não vê a mulher, vê a artista. E quando ela fracassa, ele não tem a fôrça necessária para ampará-la. Abandona-a.

Aí é que está — a nosso ver — um dos pontos culminantes da obra. Porque, dá-nos uma visão completa não só de Dorian Gray mas também, e principalmente, do proprio autor.

Esta preocupação de não olhar a miséria de frente, de se acovardar ante os fatos, de formular opiniões falsas do mundo, não é do personagem; e, sim, do autor. Porque, os personagens, pensam e vivem pelo autor. Em tudo que êles dizem e fazem, até nos minimos detalhes, está a marca do autor que, ou agiu e falou ou desejaria ter agido e falado como os seus personagens. Oscar Wilde pensava e agia igual a êles. Foi sempre um desocupado, um ser alheiado às coisas do mundo, vivendo àparte, separado de tudo que o rodeava.

Dorian Gray, apesar de viver aparentemente dentro do mundo não conhecia o mundo. Tinha de tudo uma concepção falsa, e a espantosa aventura que lhe sucedeu, o atordoou. Julgou-se predestinado, apoiado por um ser superior que atendera aos seus pedidos.

No último personagem — o pintor Basil — vemos a mesma tara que em Oscar Wilde. Ambos tarados, anormais, e é isto que identifica um com o outro.

A paixão estranha, a quase idolatria que Basil tinha por Dorian Gray, não era em nada diferente das que Oscar Wilde votava a diversos amigos.

Oscar Wilde, como Lord Harry, era avessavesso aos preconceitos, ainda que só exteriormente. Não se viu Lord Harry ou Wilde praticarem nada do que pregavam.

Oscar Wilde como Dorian Gray, tinha ódio e despreso pelos pobres e oprimidos, ainda que, quando necessitasse distração, procurasse no meio dêsses mesmos oprimidos esquecer suas máguas.

Oscar Wilde como o pintor Basil, tinha ódio às mulheres, tratando-as como seres inferiores e se entregando totalmente à sua tara.

Exceto esses tres personagens, nessa obra, Wilde, não nos apresenta nenhum outro tipo de relevo. E nisso ainda se pode observar o despreso que ele votava a plebe. Sibil Vane, seu irmão, o dono da casa onde Sibil trabalhava, a mãe de Sibil, os criados de Dorian Gray, são simplesmente esboçados, ficando como que numa meio penumbra, longe do leitor, arredios, estranho. Suas finalidades são, tão somente, servir de complemento a historia e de instrumento aos tres personagens principais. Faltava a Oscar Wilde esse poder criador, capaz de dar vida, alma, aos mais insignificantes tipos.

O livro todo é por demais intelectualizado, sofisticado, notando-se até nas suas menores frases o desejo do autor de parecer original, unico. O autor defende a "arte pela arte" a arte sem finalidade. E, sua linguagem por demais adjetivada, as vezes cança.

Mas, se outro motivo não há para que se leia o livro, um somente basta.

E que, Oscar Wilde deixou-nos a melhor descrição de si mesmo, de sua personalidade complexa e de sua psicologia nos tres personagens que apresenta. Nenhuma biografia o poderia apresentar mais completo. Basta conhecer alguma coisa da vida tumultuosa e agitada de Oscar Wilde, e depois e só ler "O Retrato de Dorian Gray" e se terá uma visão exata e minuciosa do "eu" dêsse escritor original, amigo da fantasia, do irreal e do estranho, tipo completo do literato alheio ao mundo e às coisas do mundo.

CÂNTICO À VIRGEM ADORMECIDA

SALIM MIGUEL

Ó virgem que dormes ao lado da vida,
Sem rir nem chorar, sem amar nem sofrer,
Porque não me dás teu jovem carinho?
E deixas o sono pra quem já gozou.
Ó virgem que dormes e que nunca viste.
O amor e a dor, o sofrer e o querer.
Ó virgem, eu digo, abandona o teu leito,
E vem para a rua, e vamos cantando,
Gozando e sofrendo, sorrindo e chorando,
Ver vultos passando, a fome dominando,
A guerra ceifando e os homens se matando.
Ver homens tristonhos, chorando seu sonhos,
Ver velhos sem filhos. crianças sem pais,
Ver espôsas e noivas, os esposos e noivos
Chorarem tristonhas, dizendo — "na guerra
Morreram, coitados, quem os devolverá"?
Ver a hipocrisia e tôda a maldade
E a falange de ódio e o mundo de invejas,
Que a todos domina, que a todos retem...

Ó virgem que dormes, então me dirás:
"Se só as tristezas, se só os pesares.
Se só o sofrer, se só a maldade,
Se só os lamentos de morte e de dor
É que eu irei ver, então eu prefiro
Ao mundo não vir! "Viver só de sonhos
Sem nunca acordar", sem ver as tristezas
De um mundo tão vil, que só dá sofrer...

Ó virgem que dormes ao lado da vida,
Então eu te digo, te olhando tristonho:
"Se tu vives triste, só eu sei a razão,
Se nunca sorriste, só eu sei a razão.
Se nunca amaste, só eu sei a razão,
Pois sempre viveste AO LADO DA VIDA.
Não viste alegria, não viste tristeza,
Não viste o amor, nem tão pouco a dor,
Viveste escondida dos gozos da vida,
Viveste escondida das dores da vida,
Porque só gozando e também se sofrendo,
Se vive no mundo, se pode dizer:
Por hora de gôzo é cem de sofrer".

Vem! Vamos correndo. descalços e alegres,
Cabelos ao vento e o peito à amostra,
Barriga vazia, sorriso na boca, amor no olhar,
Viver uma hora, bem dentro da vida.
Acorda! Anda! Vamos! Gozar uma hora,
Depois... Sofrer... Cem, mil horas,
E, então, vir dizer, de boca bem cheia:
"VIVER É SOFRER"

VISÃO DIVINA

(Desde o céu olhou o Senhor; viu todos os filhos dos homens. — David-Psalmo 32 § 13).

Lá do infinito
Deus olhou os homens!
Rápido como o pensamento,
Grande como o mundo
Foi o Seu Olhar:

Viu o homem e as suas entranhas
Viu os homens e as almas dos homens.
Que feras extranhas!
Rastejantes, tais serpentes,
De abismos para abismos,
O próprio sangue transformam
Em peçonhas repelentes!

Viu as árvores e os seus frutso,
Viu as árvores e as suas sombras,
Viu os animais enfim domados
E as pedras os seres inanimados
Hoje, Deus olha para o mundo,
Não vê mais os homens,
Vê apenas a paisagem verde,
Os irracionais, as pedras...
E descansa à sombra
De uma árvore, lá no infinito.

Anibal Nunes Pires

Fpolis., 18-1-47.

Miragens do mês

A. Paladino

DEZEMBRO

PRIMEIRA QUINZENA

A CRÔNICA

Dezembro, mês da alegria, da solicitude, do riso universal. Dezembro, mês da tristeza.

Dezembro, instantes de sonhos, anseios soberbos, anseios castos de amor, de felicidade. Dezembro, mês de desengano.

Dezembro, dias de opulência. de gastos, de extravagância e pródigas dádivas e pródigos prazeres. Dezembro, mês de miséria.

Dezembro, mês da escuridão; do ódio e da inveja — mês do aparecimento do MESSIAS prometido...

E por que, por que, nesse mês mais auspicioso do ano, a criança pobre sofre a frustração de seu desejo mais ansiado, tão simples, tão puro? Por que o "bom velhinho Papai Noel" não dá, nunca, um presente à essas melancólicas crianças pobres do mundo? Por que os miseraveis são mais tristes, mais desgraçados, mais incrédulos?

E é, agora, nesse mês que eu me tenho lembrado muito de Dostoievsky, e daquele seu pequeno conto de Natal. Era a história de um menino pobre que numa noite muito fria de inverno perdeu a desditosa mãe — a única pessoa que neste mundo lhe restava. E, amedrontado, saiu pela rua a correr, a correr... Via, através das janelas, árvores de Natal erguidas em casas de ricos e, sôbre as mêsas fartas, os mais variados e apetitosos pratos; enquanto que, alí, na rua, esfomeado, êle de frio tiritava. E o frio foi ficando cada vez mais intenso, terrivelmente intenso, e roubou a vida do menino pobre. E êle então foi para o "céu", e, lá, encontrou a bôa mãe, encontrou outros meninos — todos pobres como êle: teve também a sua árvore de Natal; a sua mêsa farta de doces e foi feliz, muito feliz...

Dezembro: sofrimento, morte, céu, festejos... Tudo — nada para os que são miseráveis.

Dezembro, mês dos recalques e das mentiras colossais...

SEGUNDA QUINZENA

AS TRÊS IMAGENS

A saudade é aquele algo, suavemente amargo, que rouba a alma de nós mesmos e a deixa vagar, liberta, no mundo do devaneio, sob aquela sensação estranha de que o passado está passando... e o presente já passou.

—

E pensar, que até na miséria nós encontramos essa alegria espontânea da alma. Como é sublime o sorriso ingênuo da criança miserável...

—

... Sentindo, de vez em quando, aquele indefinivel bafejo do ébrio que vai desabafando as suas máguas companheiras. Essas suas adoráveis aspirações persistindo — nunca, nunca se realizando, a buscar, no deprimente queixume, êsse alento [illegible] dos desgraçados,

PANEM ET CIRCENSES

Há quasi dois mil anos,
Os cidadãos romanos
Pediam aos seus imperadores
"Panem et circenses" — pão e jogos —
E nada mais, senhores!

Um bocado pacientes
E um bocado atrasados, não?

Ainda bem que nós somos diferentes:
Queremos é jogos... Prá que pão?

C. Bousfield Vieira

AOS CLUBES JUVENÍS

As páginas da nossa folha, acham-se ao dispor de todos os Clubes de jovens. Remetam suas notas de convocações, resultado dos jogos, reuniões literárias etc., para a nossa redação.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE NOSSA PÁTRIA

Luiz C. Wagner

É orgulho de todo brasileiro a grande extensão territorial de nossa pátria. Na verdade, um país que em extensão é o quinto colocado entre as nações, pode e deve ser orgulho de seus filhos.

O desenvolvimento econômico do Brasil, é muito precário, por não haver ainda em nossa terra a exploração mecanizada da agricultura; não podendo pois considerar-se o Brasil, um país agrário.

É sabido que o período industrial de um país, só começa a desenvolver-se, quando existe grande concentração de capital em bancos. Mas essa concentração só é possível quando o País passa por uma completa reforma agraria. A reforma agrária nada mais é do que a distribuição de terras não cultivadas aos camponezes que as queiram trabalhar, dando, os poderes públicos, afim de estimular os produtores, crédito barato, transportes, preço fixo, aos diversos produtos, assim como assistência social e técnica, etc.

O camponez, podendo vender o produto de seu trabalho por um preço que garanta uma vida mais folgada, também lhe será fácil, através do crédito indispensável que o govêrno lhe dará, a compra de máquinas, e outras tantas necessidades que tem a satisfazer. Isso, fatalmente, trará grande proveito para o Brasil, dando margem a formarmos em nossa terra uma indústria florescente na fabricação de máquinas, etc.

Como já disse na vez anterior Volta Redonda é o principio da indústria pesada em nosso país. Mas, Volta Redonda sòzinha, não solucionará o problema. Temos uma indústria que é secundária: a indústria de calçados e textil, ainda frágil para concorrer com a estrangeira, isso em parte devido a certos monopólios que agem no algodão e no couro, concentrando a produção dessas matérias primas em suas mãos e impossibilitando, assim, o crescente aumento da compra dêsses produtos essenciais às indústrias nacionais.

O primeiro passo para a libertação econômica do Brasil é a nacionalização de bancos e emprêsas estrangeiras que gozam de regalias e exploram cada vez mais o nosso povo.

Será também um fator para o livre desenvolvimento economico do Brasil, a reforma agraria. Com ela daremos mais um passo no sentido da nossa libertação. A formação de uma indústria leve, como consequência dessa reforma agraria, traz em si o germe da concentração do capital em bancos nacionais, o que trará grandes lucros e, consequentemente, a formação de uma indústria pesada que nada mais é do que a fabricação, em nosso país, de suas próprias máquinas.

Volta Redonda, trabalhando na construção de bondes e chapas de ferro, caldeiras, etc., é o caminho inicial para a expanção econômica e grandeza futura do Brasil.

CAMPANHA DO MAIS UM

Voces sabem que nós precisamos de uma BIBLIOTECA onde possamos auferir novos conhecimentos. Vocês sabem que a ASSOCIAÇÃO DA JUVENTUDE CATARINENSE é composta de jovens que vivem do seu "labor" de cada dia". Vocês sabem que os livros estão "pela hora da morte".

Pois muito bem. Sabendo de tudo isto e sabendo ainda que precisamos organizar nossa biblioteca, que fazer então? É dar duro: Falar com amigos, conhecidos, desconhecidos, livreiros, amantes da cultura, bibliotecários, com todos, enfim, pedindo que ajudem a formar a BIBLIOTECA da A. J. C., porque assim estarão contribuindo para uma obra meritória e para o melhoramento da cultura no Brasil do futuro.

Atenção, portanto, jovens associados e amigos, atenção:

Intensifiquem a Campanha do mais um.

FELICITAÇÕES AO NOSSO JORNAL

Com imenso prazer felicito a campanha para a "folha" da juventude catarinense.

Pela primeira vez, essa conciente juventude, leva a sua palavra, a todos os jovens catarinenses, por intermédio do seu jornal que a custo do sacrifício de alguns que mais se destacam em pról da união da juventude brasileira, lançaram-se com a maior alegria e entusiasmo para fazer circular êsse jornal que será guia e indicador do caminho certo para a juventude pleitear os sagrados direitos que lhes cabe.

Espero que todos nós, JOVENS de Santa Catarina saibamos aproveitar a iniciativa dêstes colegas, no sentido de fortalecermos cada vez mais as nossas organizações culturais esportivas e outras associaçoes que defendem os interêsses da JUVENTUDE DE NOSSA TERRA. (Ass.) Gilberto Soares de Azevedo.

RECEBEMOS

Ilmo. sr. presidente da A. J. C.

Temos o prazer de comunicar a V. S. a fundação do UNIDOS VENCEREMOS F. C., agremiação destinada a incrementar o popular esporte futibolistico entre a juventudo do Morro José Boiteux. Cordiais saudações. (Ass.) Manoel Rodrigues, Diretor provisório.

BIBLIOTECAS EM TODOS OS MUNICÍPIOS

Fpolis. (DEE) — Em sua última reunião, a Junta Executiva Regional do Conselho Nacional de Estatística, em Santa Catarina, aprovou uma resolução de profunda significação na vida municipal de nosso Estado. O egrégio Colégio dirigente da Estatística Regional vai promover, em cooperação com os governos municipais, a criação e a manutenção duma biblioteca franqueada ao público, em cada sede de Município. Organizada a biblioteca, tratar-se-á da criação do arquivo e museus municipais.

Muito embora seja recentissima a resolução evidenciada, já se tomam providências efetivas referentes à organização de cêrca de meia duzia de bibliotecas municipais.

E pensamento da Junta Regional de Estatística concluir a execução de seu plano dentro no prazo máximo de um ano. Santa Catarina será, então, o primeiro Estado do Brasil a possuir bibliotecas em cada sede municipal, por menor que seja o seu efetivo demográfico.

CORRESPONDAM-SE COM A FOLHA DA JUVENTUDE E ENDERECEM SUAS COLABORAÇÕES À RUA PADRE MIGUELINHO, 17 — NESTA.

Soneto do mês

VERSOS ÍNTIMOS

Augusto dos Anjos

Vês? Ninguém assistiu ao formidável
Entêrro da tua última quimera,
Sòmente a ingratidão — esta pantéra,
Foi tua companheira inseparável.

Acostuma-te à lama que te espera,
O homem, que, nesta terra miserável,
Mora entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro.
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguem causa ainda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nesta bôca que te beija.

Miragens do mês

A. Paladino

JANEIRO

PRIMEIRA QUINZENA

A CRÔNICA

É o começo de um novo ano. Ano nóvo igual aos outros: Melancólico, adorável. E eu sinto, neste primeiro mês de 1947, o coração embargado pelo estado deplorável em que se encontra esta minha Florianópolis. Essa agonia lenta em que, inexorável, vai se esvaindo essa pobre e querida cidade natal.

Ah! Florianópolis, eu te lamento muito; os homens muito pouco têm feito por ti. És a vitima abnegada de uma insensatez que infelizmente praticaste: a insensatez de não teres submergido, com esta ilha que te dá abrigo, sob as águas pacatas dêste oceano que te banha. Quão feliz terias sido Florianópolis! Viverias sempre alheia, sempre socegada, ninguém te pertubaria, e estarias a salvo de tantas zombarias, tantas injustiças, tantas incompreensões. Não serias a cidade mais motejada do Brasil, e os homens, talvez, até te louvassem, irrestritamente saudosos.

És lúgubre, Florianópolis, amargamente lúgubre. Parece que o côrvo fúnebre de Poe vive pairando, fatal, no espaço sombrio que te envolve... E tu não te queixas, não pronuncias uma única palavra de reprovação; estás sempre calada, sempre meditativa, filosofando, filosofando... Porque o queixume é o desabafo do fraco, e só o fraco não tem fôrças para refrear a queixa. Queixar-se é humilhar-se; é ser alvo da piedade alheia... Admiro o teu estoicismo, Florianópolis, e te amo tanto como o filho ama à mãe que em vão lhe procura dar o confôrto ansiado.

Ah! as tuas noite, Florianópolis; como são tristes, como são desertas. Nunca há luz nas tuas ruas. Só o silêncio da noite, lúgubre, trágico, envolve tudo. Só o mistico tremeluzir das êstrelas no céu, clareia a tua malfadada superfície, e cobre-a com seu manto espectral, irradiando mistério; mistério imenso, emotivo; e terror e pânico e loucura...

Ah! Florianópolis; oxalá os homens te compreendam algum dia, e possam te dar, então, tudo isso que te falta agora; e que é muita coisa; Florianópolis; infelizmente muita coisa...

—

SEGUNDA QUINZENA

AS TRÊS IMAGENS

A morte é o fim de tôdas as coisas extinguindo-se no nada.

—

... Aquele vago sentimento de satisfação que ainda o homem mais compassivo não deixa de esperimentar à vista da desgraça alheia. — Dostoievski.

—

Desabafar escrevendo, é queixar-se a si mesmo; é ser alvo da sua própria piedade — e é aí que estão contidos os mais sinceros sentimentos de um homem: Os seus sofrimentos, suas paixões — seu estado d'alma.

HUMORISMO

Uma de Shaw

G. B. Shaw, alto e magro, é vegetariano declarado. G. K. Chesterton, grande e gordo, gostava de carne. Certa vez encontraram-se ambos na rua. Disse Chesterton:

— Quem olhar para você há de pensar que a Inglaterra, nesse momento, atravessa uum periodo de fome.

— E quem olhar para você, replicou Shaw, há de pensar que é você a causa.

—

Para a prisão Majestade

Frederico II da Prussia, cujo prestigio era imenso, julgava-se um escritor nato. Ao ler a sua primeira tragédia, tendo Voltaire como ouvinte, êste criticou-a àcidamente. Frederico enfureceu-se e fez encarcerar o grande francês. Mas no dia imediato Voltaire foi posto em liberdade. Passado algum tempo o rei tentou ler outra tragédia diante do filósofo. Mal tinha porém terminado a primeira página Voltaire se levantou e encaminhou-se em direção à porta.

— Aonde vai, monsieur? perguntou Frederico.

— Para a prisão, Majestade, respondeu o filósofo.

—

No Tribunal:

A testemunha — Senhor, caseime com a verdade!

Juiz (irônico) — E há quanto tempo está viuvo?

—

Na Delegacia:

Delegado — Não tem vergonha! Quebrar uma garrafa de vinho na cabeça de sua mulher...

Réu — Sim, senhor delegado. Errei. Devia ter tomado o vinho primeiro.

—

Mesmo a tempo:

O médico — Como vai, meu caro colega? Consta-me que você fez uma operação importante e de excelente resultado, num [illegible] capitalista?

O cirurgião — É exa[illegible] que a fiz mesmo a tempo. [illegible] mais e o homem ter-se-ia [illegible] sem precisar fazê-la.

—

A amisade:

— Não acredites na amisade.

— Por que?

— Porque a amisade é um dêsses guarda-chuvas que se voltam pelo avesso quando faz mau tempo.

—

Tanto faz...

Um filósofo grego dizia sempre aos seus discipulos que tanto faz viver como morrer.

— Então, perguntou um para confundi-lo, por que não morre?

— Justamente por isso, respondeu o mestre serenamente, porque não há diferença.

—

Com judeu...

Um padre, amigo de um judeu, não perdia ocasião de brincar com êste, sempre que podia. Disse-lhe certa vez:

— Vocês judeus são uns danados. Nada lhes é impossivel. Podem até governar o mundo.

— Naturalmente, senhor Cura, naturalmente. Tanto é assim que um de nós quiz ser Deus e o foi.

—

Que descoberta!

Mané Português acaba de sair da pensão de Dona Nhonhô, onde morou durante cinco anos. Na rua encontra um compadre e êste lhe pergunta:

— Ó compadre Manué você não estava tão contente na pensão?

— Sim estava, mas descobri uma coisa.

— O quê foi?

— Descobri que lá não havia banheiro.

—

PENSAMENTO

O opulento tem o superfluo; o rico a abundância; o burguês o necessário; e nenhum diz — "É BASTANTE". — Voltaire.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

As Moedas

Salim Miguel

"Ao vencedor, as batatas"

Machado de Assis

O mês de dezembro chegou. As primeiras cigarras já deixaram ouvir seus trinados. Os pássaros cantarolam alegremente. Velhos sisudos clamam contra o calor e discutem politica. As senhoras abastadas contam aos filhos lindas historias do Cristo que viera ao mundo para salvar a humanidade. Os pobres apertam a cinta, já no último furo, para poderem dar aos filhos, feios brinquedos de madeira. E as crianças ricas, esperam ansiosas, o bom, o magnânimo "Papai Noel". O bom "Papai Noel" que é só delas e que parece ter-se esquecido dos humildes e desgraçados.

Era domingo. O sol, à pino, queimava. Toda a natureza encontrava-se parada, imóvel, numa como modorra. Nem um sopro da mais leve aragem.

Sentados em bancos de pedra, no "Mira-Mar", eu e alguns amigos, conversavamos. O mar estava calmo sem uma única ond ae de um azul tão limpido que se via o fundo. Somente, de quando em quando, alguns rapazes que nadavam, saiam d'água, trepavam no muro e se atiravam, formando pequenas ondas azuis que o sol doirava e que vinham bater fracamente, lentamente, no cáis.

Eram rapazes ainda pequenos — entre dez e treze anos — e todos eles de um moreno bronzeado, bem escuro, mostrando serem frequentadores constantes das praias. Ao se atirarem do cáis, seus corpos escuros e luzidios cruzavam o ar com grande velocidade. Mergulhavam espadanando água para todos os lados. Vezes até, havia, em que molham os curiosos.

Passamos muito tempo ali, vendo-os nadar, garrulos e alegres, com a despreocupação da infancia.

Várias pessoas chegavam a lhes atirar pequenas moedas que eles, sofregos, mergulhando iam apanhar. E riam, satisfeitos, mostrando as moedas nos dentes ou nos dedos, e pedindo mais, mais...

Eram de uma leigeiresa incrivel, muitas ocasiões apanhando as moedas antes de tocarem o fundo.

De uma das vezes, um meu amigo avisou que ia atirar u'a moeda maior. Todos ficaram na expectativa. A moeda foi atirada e, dois meninos — os dois mais velhos — mergulharam ao mesmo tempo e ao mesmo tempo, viram-na. Ambos queriam ter direito a ela. O menor dos dois, mais rápido, apanhou-a, mas como o outro gritasse que a tinha visto primeiro, atracaram-se e lutaram. Deram-se sôcos, pontapés, empurrões, em quanto nós, riamos a bom rir... E a luta prosseguia, mais encarniçada, sem que nenhum dos dois cedesse.

Eles tinham a curiosa mania de carregar as moedas já apanhadas, na boca. Durante a briga, com um empurrão mais forte, um dos dois — não sei bem se o maior ou o menor — foi obrigado a mergulhar e, ao voltar à tôna, abrindo a boca para respirar, deixou cair todas as outras moedas que já havia apanhado...

Sofregas, aquelas crianças se atiraram às moedas, rindo, gritando, batendo palmas... E lá do seu canto sózinho, o infeliz chorava.

A noite já quase chegara e com ela uma leve viração. Os rapazes aos poucos foram se indo e nós não nos demoramos. Saimos e fomos nos sentar sob a vetusta figueira do jardim. Comentamos o fato acontecido àquelas crianças e ficamos matutando durante longo tempo.

Que grandiosa lição, nos haviam dado, sem saber, aqueles dois meninos! Quantas vezes, para gananciosamente adquirirmos uma simples moeda a mais, perdemos todas as que possuimos!

Quantas vezes, o homem, podendo resolver suas questões em paz e concórdia, procura os métodos violentos e tanto êle como o adversário, é prejudicado. Quantas vezes o homem, na ansia desespe-

Crônica de Pôrto Alegre

DIVAGAÇÕES DA HORA MORTA

Ody Fraga Silva

Guerra! Guerra! Guerra! Esta maldita palavra ainda não nos saiu do ouvido. Profundo pesadelo. Triste fim. Que vale para os senhores dono do mundo a mocidade? Onde estão os nossos sonhos e ideais? Nada valemos, a não ser como expressão de unidade para os exércitos. Para que estudamos? Para que amamos? Tremenda é a resposta. Angustiante o sofrimento do jovem que pensa perante os acontecimentos mundiais. Apesar de estar em pleno funcionamento a ONU, fala-se de guerra. Os interesses mesquinhos de capitalistas e paises imperialistas entrechocam-se, degladiam-se. Não respeitam, estes donos do mundo, à mocidade.

Não nos reconhecem o direito de sermos felizes.

Pouco desejamos. Pouco pedimos. Nada mais do que as quatro liberdades expressas pelo simbolo vivo da democracia: Roosevelt. Queremos paz. Queremos oportunidades para estudar, trabalhar e nos espiritualizar-nos atraves das artes, nas suas mais puras expressões. Nada mais exigimos do que o direito de viver. Viver livre e decentemente. Unamo-nos jovens. Não somos ovelhas para imolação absurda. Defendamos os nossos direitos, porque assim, estaremos defendendo os direitos de nossos filhos, e lutando pela paz. Repudiemos à toda manifestação militarista. Odiemos do fundo d'alma fazedores de guerras, e generais bestializados pelo fascismo. Muito sonhamos. Temos grandes esperanças. Lutemos, pois, com tôdas as forças do ser, pelo direito de sonhar e pela mais forte fôrça motriz de nossa vida: o ideal.

Pôrto Alegre, 6-12-46.

BILHETES PAULISTAS

Por Renata Pallotini

"Ano Novo! Novas ambições, alegrias novas, e que o ano que chega seja próspero e risonho como o que passou!"

Chapa batida, de cartões postais. O ano que passou foi apenas um ano a menos na vida dos tuberculosos e um a mais na vida dos pequenos analfabetos do Brasil. (E olha que o Brasil está bem servido de ambos, leitor!).

Azar deles? Tens razão. O azar é todo deles, embora a culpa não seja. Sofrem calados, talvez porque os pulmoes não tenham forças para gritar.

Qual! Muita melancolia. Chega. Vamos atirar longe o sapato velho de 46, calçar umas botinas novas e rezar para que elas não precisem de meia-sola até o fim do ano. O calo do dedinho esquerdo doi, mas quando cansar para.

Afinal o ano que passou teve boas coisas também. Tivemos pão puro em Dezembro, não choveu no Natal, e os paulistas conseguiram vencer os gaúchos no Rio. Custou, mas venceram. Isso aqui em S. Paulo. As outras partes do Brasil também tiveram suas "gratas efemérides". E tu, leitor, tiveste, naturalmente, a tua...

E 1947, que trará? Acabarão as filas aqui das "grandes metrópoles". Será que haverá outra mulher igual a Gilda?

Não desanimes, leitor. Talvez o ano novo te traga bonitas coisas. Um campo de futeból, por exemplo, para treinar a tua raça, de onde sairão as seleções que são hospedadas em belos hotéis e empolgam as multidões nos estádios.

Mas, cuidado, amigo! Que o campo tenha uma cêrca de bôa altura! Teus ossinhos são preciosos.

---

perada de possuir mais, cada vez mais, de abocanhar o mundo para si só, perde a paz de espirito, a felicidade, a saúde, o bem estar, enfim, todas as demais moedas que possuia e que ariscara na vã esperança de arranjar mais uma, sempre e [illegible] mais uma!

A Vingança do Pinheiro

C. Bousfield Vieira

Empunhando o velho e prestimoso machado, o lenhador atravessa o pinheiral. O tempo está excelente. O céu, limpido, sem uma nuvem. O sol da manhã brinca na folhagem rala dos pinhos seculares. Uma brisa suave acaricia os ramos e as folhas daquelas árvores tôdas. Os pássaros cantam, rompendo o silêncio reinante.

E o velho lenhador, machado às costas, sorriso nos lábios, caminha pelo pinheiral imenso. Procura um lenho em condições de ser cortado. Olha aqui e acolá. Este é defeituoso, aquele, novo demais. E continua a procurar, até que encontra um pinho que parece ser digno de seu machado. Examina-lhe a raiz, o caule, os ramos, a folhagem, e diz:

— Este serve!

Bem na base da árvore, talhada na casca, há uma inscrição, quase obliterada. Um nome — nome de pessoa, naturalmente — e uma data. O lenhador da com os olhos nessa inscrição. Não sabe ler, mas conhece os algarimos.

— Dez de dezembro de mil oitocentos e noventa! — exclama êle. surpreso — És bem velhinho, ein!

Queda-se a contemplar o soberbo pinho. Sente que há qualquer coisa de cruel em deitar abaixo aquele belo espécime. Chega a ter compaixão do secular madeiro. Entretanto, reconhece o quanto essa compaixão é absurda, e rompe o silêncio, para dirigir a palavra ao pinheiro:

— Prepara-te! Vou te derrubar!

Sacudindo a densa folhagem, como que tomado de pavor, o pinho então fala. Sua voz é humilde e há nela uma suplica que enternece.

— Oh! Bom lenhador! Não me cortes! Poupa-me, pleo amor de Deus!

Mas o lenhador, impassivel aos rôgos do pinheiro, ergue o machado e aplica o primeiro golpe. O caule, profundamente ferido, começa a sangrar. O pinho geme e chora.

— Não me cortes, lenhador malvado! Tem pena de mim! Há tantos pinheiros por ai! Escolhestes logo a mim! Um dia talvez te arrependas! Não me cortes, não.

Vãos lamentos. O lenhador prossegue no seu trablaho. Brande o machado com incrivel agilidade. O suor corre-lhe pelo corpo, embebe-lhe a camisa. Mais algumas machadadas, e o pinho está prestes a tombar. Agora, à beira da morte, sua voz é apenas um murmurio. Êle diz:

— Um dia me vingarei de ti, malvado! — e cai pesadamente ao chão.

Uma carroça o transporta á serraria. As máquinas serram-no em diferentes pedaços, que, levados ao depósito, são vendidos a terceiros.

Um dia, o lenhador morre. Preparam-lhe um caixão tosco, feito de táboas de pinho. A familia chora. O defunto é conduzido ao cemitério. A cova, como um lôbo faminto, recebe o corpo. O préstito humilde volta para a aldeia. Só o lenhador fica.

E uma vóz, parece sair das táboas de pinho do caixão, diz:

— Eu sou um pedaço daquele velho pinheiro que tu cortastes um dia, lembraste?

ANGUSTIA

D. Brito

Sei que amanhã o sol brilhará. Sei que minha angustia é banal. Mas, eu a sinto. Ouço risos, ouço músicas, a vida borbulha. No entanto, minha tristeza aumenta, corroendo-me, batendo-me como se fôsse uma alavanca implacável

E porque isto? É o amor... o eterno motivo... o amor ignorado... que espera sempre... com ansia, desesperadamente.

Assim vivo. Correm os dias e não a vejo. Morreu? Foi-se embora? Está doente? Não sei. a cidade é enorme como o deserto e indiferente como o destino.

Minha cabeça estala. É possivel que [illegible]

Pequena Fantasia

APOTEÓSE DO ÓDIO

José Tito Silva

Dedicado aos colegas Almir José Rosa, Hélio Veiga Magalhães, Reinaldo Lacerda e Renato Ramos Silva.

À beira-mar postado, contemplando o além, sôbre uma lage que o oceano mansamente acaricia, num encrespamento variado e eterno, há um homem. Casam-se sentidos, melancólicos ,nessa crepusculação sanguinea, em que o Sol derrama rubras lágrimas e tinge as águas agitadas, revolutas, molemente entoando a prece vespertina, o lamento de uma creatura e o murmúrio dêsse mar sentimental, perene.

Aproximo-me... Um ventinho brando entumesce-lhe a camisa e brinca com os cabelos negros, derramados e impelidos lascivamente para traz, na osculação sedosa do ar marinho. Repentinamente tolda-se o oceano de uma côr plúmbea e o céu se liga às águas no ensaio da tempestade que vem se aproximando.

O polvo sereno, torcia agora, a mole corpulenta, sob a atmosfera do torvelinho aéreo, rechicoteando asperamente, as praias que outrora beijava.

E aquele ente olhando a fúria, mais se deleitava e sentia nas fibras um feliz estremecimento, da hediondez da luta, da potestade da fôrça, do espetáculo das ondas.

Seu espirito inflamado, refletindo a alma marina, parecia dizer: "Sinto a cólera subir às vagas tormentosas de minha ira; quero esmagar com as mãos tenazes, num acesso de raiva inexplicável, tudo o que vejo.

Detesto o mundo, a beleza, o feio; tenho ódio, de mim mesmo... Ah!... não posso mais sofrer... Irei de encontro ao mar, destruir essa fôrça formidável que me dormita n'alma... Quero apertar nos braços essa fúria demoniaca dos tufões marinos e sentir no corpo a viração diabólica das vagas, que a borrasca gera.

Oh! sanguinolenta volúpia de tra- [gar o oceano,]
Êsse indomável monstro que me [empolga!...]
Invejo os marinheiros que dormi- [tam em teu seio...]
Não mais verão a terra, mas sen- [tirão na sua ira,]
A ira marina irradiar, e, no colos- [sal drama de dois ódios]
Amalgamaram um fogo imorre- [dor...]

É mesmo assim... quase todos nós sentimos a mesma impetuosidade das vagas no oceano, do vento nas árvores e do amôr no coração. "Ó mar fermoso e belo!... em ti há vida, há alegria, há ventura... ouço a tua voz solene e branda... convida-me ao pranto e ao louvor... a prantear a morte dos que jazem sepultados em teus braços... a celebrar Aquele que triunfou da sepultura" (-O Capitão Hare do "Erudicio").

---

guntar: onde estás, moreninha? Se sofres-peço-te-di-lo à briza, bem baixinho; talvez, eu escute.

Quem sabe se um outro a tem nos braços? Se outros beijos não lhe inebriam o corpo? Quem sabe se outro não lhe bafeja os ouvidos com sussurros ardentes de amor?

— Febre insensata!... Tudo passa, amigo, as mulheres pululam por ai! Esquece...

Não! Eu a quero com todo o desejo dos insaciáveis! Eu a quero junto de mim, rindo ou chorando comigo, respirando o mesmo ar, fremindo do mesmo prazer!

No entanto... a vida rola e não a vejo. Procuro-a. Nada. Invejo os raios de sol que lhe tostam a pele. Quem me dera ser um pássaro para procurá-la pelo espaço afora. Por que não apareces, amor? Minha angustia plange como o sino à tardinha, sem achar eco, sem achar consolo.

Olho o casário da cidade através da janela. Parece não ter fim. Enorme como o desejo que me tor- [illegible]

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Com vista ao Colégio Barriga-Verde

Eis uma inestimavel iniciativa de uma pleiade de jovens, apoiada por homens de valor, que integram nosso meio social. Pessôas que, destacada ou obscuramente, labutam pelo desenvolvimento e pela cultura do nosso povo, para esclarecer e abrilhantar a evolução intelectual da nossa juventude. Ginásio e cursos clássicos e cientificos; trais ensinos preparatórios; em um curso noturno, suscetivel de serem frequentados por estudantes menos favorecidos pelo horário de trabalho, e, naturalmente, ao alcance das bolsas menos aquinhoadas, eis o que necessitava nossa classe estudantil, ávida por conhecimentos acima do rudimentar ensino primário. Há muit,o havia sido feita a solicitação em foco, encontrando finalmente, a frente dos "aparentes" intransponiveis obstáculos, a acolhida de pessôas que bem intencionadamente receberam a prestimosa idéia. Estudada, foi projetada e terminantemente posta em execussão, satisfazendo plenamente todas as expectativas que se poderia esperar.

Empreendimento dificilimo, não resta dúvida, mas, para quem labuta, e persiste num determinado propósito, jamais ve-lo-á fracassado, só tende a remover as barreiras, vencer e realizar o objetivo visado. Foi, pois, o que fizeram os ilustres cidadãos que tomaram a si a incumbência árdua e responsabilizadora da definitiva concretização da tarefa. As lutas, assim reconhecemos, não foram pequenas, como não menos o foram todos os passos dados no sentido da efetivação do benemérito projeto, mas, inegavel é, toda árvore plantada com a exigência dos maiores cuidados e trabalhos é justamente a que melhor recompensará o esfôrço, produzindo os melhores e mias saudáveis frutos: é mistér, trabalho e persistência. E' o que tem acontecido. A missão exigiu e está exigindo trabalho vigoroso, bôa vontade, persistência, cooperação e os mais sérios comporomissos, mas, prometedora; irá indubitavelmente corresponder aos esforços daqueles que a estão executando, que trabalharam para tão majestosa realização, da qual, possivelmente, não usufruirão de seus beneficios; tiveram tão somente, incômodos e evidentemente grandes dispêndios, contudo, não deixaram de executar uma ação digna de menção honrosa, uma obra verdadeiramente altruistica, que todos hão de agradecer de coração e onde centenas e milhares de individuos, futuramente buscarão aprendizagem e cultura; onde poderão encontrar maior facilidade para optar por carreiras com as quais só poderiam sonhar, realizar, não. Para aqueles que trabalham, especialmente no comércio, que desfrutam de um horário pouco favorável, assim como, para as bolsas menos afortunadas, não tem encontrado possibilidades para fazerem os referidos cursos, nas condições atuais, portanto, no Colégio Barriga-Verde, encontrarão o lenitivo para fazer jús por outra carreira que se enquadre no âmbito de sua vocação e do seu ideal, que não a comercial, como até então se tem constatado.

Assim, a citada instituição, ao lado das Faculdades de Odontologia e Farmácia, em organização, virão proporcionar ao povo de Florianópolis, possibilidades mais amplas e mais acessiveis para uma escolha mais variada de carreiras que se ajustem ao talento de cada um, como também, não deixará de colocar nossa Capital em nivel mais elevado, em comparação com o gráu do ensino secundário e superior, no Brasil. O estudante de Florianópolis, está de parabens e externa sua gratidão pelo êxito que vai obtendo a feliz iniciativa, e, aguarda ancioso a definitiva execução do tão esperado projeto, apelando para todos aqueles dos quais depender algum passo à frente, que não os revistam de caráter invulnerável, mas sim, facilitem em todas as condições o grande e benemérito empreendimento de inapreciável beneficio para a nossa bôa gente e que visa elevar tão alto o nome de Florianópoils e do Estado Catarinense.

EXPLICANDO

Luiz Santos

Há cinco anos que venho perambulando por êste Brasil afora.

Rio, São Paulo, Curitiba, Pôrto Alegre e outras cidades de nosso torrão receberam minha visita, ora demorada, ora breve. Muitos chegaram a pensar que esqueci a minha terra, trocando-a por uma das metrópoles em que havia morado, entretanto erraram, Santa Catarina, Florianópolis, ainda são os meus orgulhos. E é por isto que sempre que meus afazeres escolares me permitem eis-me em visitar a esta cidadezinha esquecida de Deus e dos homens; eis-me aqui empunhando a pena ou usando a palavra para transmitir aos meus coestaduanos o que aprendi em terras alheias.

Não foi atôa que os escritores chamaram os jovens de "os homens de amanhã"; não foi em vão que cérebros trabalharam na defesa da frase: "jovens, o futuro do Brasil está em tuas mãos"; por isso, é a juventude que sempre me dirijo quando de passagem por esta Capital, tão bela nas noites de luar, tão agradável quando se encontra um pouquinho d'água nas torneiras.

Sim, eu que vi nas cidades paulistas o que significa o progresso, eu que tive oportunidade de conhecer de perto o valor da democracia quando visitei a terra livre do Uruguai, eu que pude sentir a fartura argentina, não podia me dirigir a outros que não os jovens, pois estou certo que os velhos dificilmente se capacitaram para construir o Brasil que desejam, o Brasil grande potência, o Brasil democrata e progressista, onde não faltem nos lares pobres o pão branco, a roupa e a distração, o Brasil sem tuberculose e em que a instrução não seja previlégio de meia duzia.

É por isso, jovens, que aqui estou batalhando mais uma vez, pedindo-lhes que se organizem, que discutam os problemas de nossa pátria, que defendam os direitos que lhes cabem, outorgados pela Constituição de 18 de setembro de 1946, que lutem para que não haja no Brasil, jovem que não tenha passado por uma infância cheia de alegria.

Jovens, só organizados poderemos trabalhar pela grandeza de nossa terra. A juventude organizada será uma fôrça que ninguém poderá barrar. Organizados poderemos exigir soluções para nossas necessidades.

Pertenço a uma classe que compreendeu os beneficios da organização, a classe dos estudantes. Hoje não há cidade no Brasil que pelo menos nas escolas não haja uma organização dos alunos. Refiro-me por certo às escolas superiores e secundárias, não esquecendo às profissionais que já iniciaram a organizar-se.

Os estudantes sabem que organizados podem exigir o que lhes é devido, assim, bastará iniciar as aulas para que o último decreto inconstitucional que o govêrno quiz nos impor, que é o que tenta boicotar os congressos estudantis, querendo proibir sua realização durante o ano letivo, seja empurrado para os arquivos do Ministério de Educação.

Tu, jovem operário, também tens o direito de fazer os homens do govêrno saber os teus desejos, escutar a tua vós antes de fazer qualquer legilação. Por isso ingressa na Associação da Juventude Catarinense, e assim estarás fortalecendo uma organização da tua classe.

E tu, jovem camponês faz sentir tuas necessidades organizando-te em clubes e ligas camponesas, falando alto para que todos conheçam os teus problemas.

Estudantes, operários, camponeses lutemos organizados por nossos direitos.

FINALMENTE A LUZ

LUZ! Esperámo-la, como ao REDENTOR! Enfim, o motor que trará a bendita luz elétrica, que só os cegos e o povo de Florianópolis não a conhecem. Há tanto não a viamos, senão a do sol. Todavia, constitui motivo de júbilo para o povo da "Ilha". Depois de longos anos de tantas promessas, tantos projetos, histórias complicadissimas como a do "Capa Preta," após longo tempo de se andar tateando às escuras pelas principais ruas da cidade, munidos tão somente dêsde as mais rústicas às mais ofuscantes "flash light", vemos, agora, felizmente, resolvida uma primeira etapa da nossa mais alta necessidade: chegou o motor. Muito bem! Entretanto, não estará resolvido aqui definitivamente a velha questão, visto que, não será o motor a óleo que solucionará o nosso sério problema, mediante algumas desvantagens: o desgaste, sua potência e o elevadissimo consumo de combustivel; o ideal, seria, sim, a instalação de uma usina hidráulica, conforme nosso maior desejo. Ora, nossa cidade, depois de ter permanecido num período restritamente estacionário, vem tomando agora uma certa incrementação e há tendência de desenvolver-se cada vez mais, aumentando, portanto, a deficiência de "luz e força"; logo, mais algum tempo e o nosso aparelhamento não estará em condições de atender a complexidade das necessidades sempre progressivas em nossa terra. Outrossim, não desejamos esperar agora uma outra eternidade com protocolares formalidades para as instalações do mesmo, porquanto, se assim continuar, nos habituaremos a viver na escuridão da noite e nossas vistas ofuscar-se-ão, quando um dia surgir a "tão falada luz." Indispensável é dizer que não se pode ler ou estudar; pelas ruas anda-se quase as apalpadélas, e, afinal, os visitantes comentam tão depressivamente sôbre nossa modesta-cidade, a qual por outro lado a natureza a favoreceu por tão lindos e apraziveis recantos que a circundam. Nós, nos sentimos humilhados com semelhantes coisas e desejariamos ver sanada a falta que há muito se tem verificado, para que lá fora possamos recomendar e ouvir melhor a respeito da nossa capitalzinha. A intenção aqui não é menosprezar a iniciativa daqueles que estão trabalhando para êste almejado fim, mas, tem por finalidade unicamente incentivar e lembrar que não surjam desleixos e protelações na efetivação dos serviços, visto como deles necessita o povo, mais do que qualquer outra obra de utilidade pública. Justo é revelar que, reconhecemos, ter por fim o aludido motor satisfazer uma medida de emergência, outrossim, não se ignora qual seja o elevado custo, tempo e outros dispêndios para a instalação de uma usina bem aparelhada e eficiente, com todos seus acessórios, para fornecer energia de que tanto necessitamos para o embelezamento e industrialização da nossa cidade. Esperamos, portanto, que estejamos em breve servidos dos beneficios do novo motor e com a habitual paciência e esperança que estão arraigados na nossa bôa gente, aguardamos resignados, que em um futuro próximo, possamos usufruir das inestimáveis vantagens de uma usina hidráulica, como a desejariamos possuir. Trabalhemos por ela.

Ariedam

Uma nota para a "Folha da Juventude"

Toda pessôa, com algum espírito sempre encontra alguma cousa para fazer. Começa, então a juntar toda espécie de livros, papéis e outras coisas que aos demais nenhum valor importam. No decorrer de uns pares de anos depois, encontra alguma liçã outil. Depois, a tal função gostar passa a ser mania de colecionar. E' aí que a importância do assunto cresce. Torna-se enorme. Uma cousa fiz, e muito bem:

Guardo papéis escritos com Constituições e outras cousas mais. Guardo umas três Constituições Republicanas brasileiras, muito boas, por sinal, por que contém filosofias diferentes. Três ou quatro projetos modernos do mesmo assunto, do dito povo.

E, mais, até uma Constituição de França, com a data de 28 de setembro de 1946.Afinal, é uma boa mania e não se gasta muito. Aprende-se mesmo.

*
* *

Comecei a escrever o livro "Política", anotando frazes que me chegavam a idéia. Enfilerei-as, sem ordem, num papel. Desarrumei a ordem lógica da construção gramatical e eis a obra. E' filosófa ou loucura? Sei lá já preparo um outro livro sobre o Estado e o Direito. Que titulo terá, não me ocorreu ainda, mas virá.

E assim se vai. Eu a exemplo, uso a técnica destrevebelhada do escritor lusitano Eduardo Metzner . Não ser compreendido.

*
* *

Mas voltando ao caso de colecionar o que pretendo direi aos que escrevem é: Tornem-se de tempo e recortem crimes dos jornais, sonham um pensamento qualquer por baixo e eis a cousa sensacional. Mas com gramática, é certo. Nada de fazer como eu costumo, destroçar a dita em beneficio da incompreensão, como faz Portinari em favor da arte.

E' muito importante, também fazer estilo, isto é: Grude-se a uma mania de escrever e pronto. Fale quem quizer.

Herondino Macedo

Seguiu dia 1º de fevereiro do corrente ano para o Rio de Janeiro o nosso distinto amigo e diretor da "Folha da Juventude", Herondino Macedo. Herondino irá continuar seus estudos na Escola Técnica.

Há dias recebemos noticias de que Herondino, evidenciando mais uma vez sua especialidade, nos exames realizados foi um dos seis catarinenses que passaram, e, numa turma de 85 foi o 11º colocado.

Ao Herondino os nossos parabens e votos de felicidade.

AVISO AOS LEITORES

SÒMENTE AGORA APRESENTAMOS AOS NOSSOS LEITORES O SEGUNDO NÚMERO DA "FOLHA DA JUVENTUDE", QUE, POR MOTIVO DE FÔRÇA MAIOR, NÃO PODE SAIR NO DEVIDO TEMPO, COMO DESEJAVAMOS.

A REDAÇÃO

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

"NOSSO COMENTARIO"

DE PÉ, POIS, TODOS E AVANTE!

As condições de vida, cada vez mais se dificultam. Tudo o que nos é de mais premente necessidade vai numa alta assustadora. Os gêneros alimentícios escasseiam. Os tecidos sobem horrivelmente e, qualquer dia dêstes estaremos de tanga. Financeiramente, aliás, já estamos de tanga. Nada, mas absolutamente nada, vale hoje, o nosso mísero cruzeiro. Chegou o pobrezinho, a expressão mais ínfima.

Antigamente (não faz muito tempo ainda) uma pessôa ia ao mercado com Cr$ 50,00 e trazia uma carga capaz de alimentar uma família regular por uma semana. A fartura, então, era de fazer bem à vista. Montões e montões de verduras, de frutas, de carnes, de peixes, se espalhavam por todo o mercado e adjacencias. E o freguês era atacado em todos os cantos pelos vendedores (curiósos e multiformes tipos de várias nacionalidades e falar arrevezado) numa luta cômica, por vender. Os que não queriam comprar cedo, à preços mais ou menos fixos, esperavam até mais tarde e adquiriam muitos generos quasi por nada.

E o povo, o nosso simples, contentável e bom povo, vivia farto e alegre. Depois, um dia, pretendeu-se-lhe dar o saber, juntamente com a fartura. Louvável intenção! Sublime intensão!

E vieram as lutas por um futuro melhor. Mas, infelizmente, êste futuro melhor não veio e hoje o nosso bom povo não tem fartura e ainda não tem saber. Se, antigamente, não tinha livro e não sabia ler, em compensação, tinha comida. Hoje tem livros e não os pode comprar, primeiro porque estão caros e segundo porque êle continua não sabendo ler. E o que é pior hoje lhe falta tudo e tudo está "pela hora da morte".

Hoje, vai-se ao mercado com Cr$ 100,00 e se carrega tudo o que se compra numa só mão. E é fila para tudo. Longas e intermináveis filas. E a mercadoria é tão escassa que, na maioria das vêzes, antes de chegar a metade da "bicha" já têm acabado. Hoje, inverteram-se os papeis, e são os compradores que se atracam em frente aos vendedores.

E da maneira como estamos indo, as coisas piorarão de dia para dia. Os açambarcadores, os tubarões estão aí mesmo. São êles que mandam. Alguma providência urgente precisa e deve ser tomada. Porque a miséria do povo está chegando a um extremo limite. O que se vê é a fome e as doenças da grande maioria, enquanto uns poucos, "os milionários da miséria", se banqueteiam e divertem.

E, pensemos por um momento. Qual a causa de tal descalabro? O que provoca tamanho cáos? Culpam a guerra. Mas a guerra terminou vai já para dois anos! Mas, muitos paises diretamente atingidos pela guerra estão em melhor situação econômica do que nós. Enquanto que nós, ao envés de melhorar estamos piorando cada ano. E o que vimos foi um 1944 em plena guerra, melhor do que um 1945 já em plena paz. E êste 1946 que acabou, foi mais dificil do que 1945. Que nos virá em 1947? é a pergunta angustiante de todos.

1947 chega, e chega como todos os inicios de ano. Pleno de sól, de luz, de calor, de nova vida. Pleno de sonhos, de ilusões, de esperanças. E todo o principio de ano nos sentimos melhores, mais felizes, mais esperançósos. E todo fim de ano nos encontramos mais desiludidos, mais acabrunhados e tristes.

Que fazer? Para quem apelar? Angustiantes perguntas! Estamos, como que estonteados, como se um furacão devastador e terrivel nos houvesse avassalado. A vida se nos torna cada dia que passa, mais pesada, mais cruel. E nem Deus nem os homens se entendem. A incompreensão e a dúvida dominam e se alastram.

Enquanto os outros paises — paises, queremos frizar, diretamente atingidos, devastados pela guerra e sem os grandes recursos econômicos de nós outros — já tentam de se reerguer, de agir, nós continuamos numa modorra, numa lassidão estranha e inconcebível num país tão grande e de tão grandes e inexploradas riquezas.

Precisamos deixar de palavras bonitas sôbre o nosso céu, as nossas matas e cachoeiras, a vida gloriosa de nossos antepassados.

Isso é bonito mas sem nenhum valor prático. E hoje, devemos ser acima de tudo, PRÁTICOS. Devemos deixar de demagogia, de cantar louvores interesseiros a quem quer que seja. O que devemos ter é planos, sim, planos reais que venham solucionar a crise injustificada porque estamos passando. Não devemos ser patriotinheiros com falsas ilusões, mas sim patriótas, bons patriótas realistas. E, nem devemos acreditar que um Partido, um homem, uma classe só, possa erguer o país. Não! Não é possivel! Sòmente todos nós, unidos, indistintamente, sem falsos preconceitos de raças, religião, côr, partido, irmanados no mesmo desejo de melhores vidas é que poderemos crer e ter num futuro próximo êste Brasil melhor que todos nós queremos.

E que melhor época para dar inicio a ésta tarefa gigantesca do que êste inicio de um novo ano e de novos sonhos?

DE PÉ, POIS, TODOS, e AVANTE!

BIBLIOTECA PÚBLICA... OU BAR?

A Biblioteca Pública de Florianópolis já não é mais aquêle recanto tranquilo, onde o estudante pobre, impossibilitado de comprar livros, pois que êles estão pela hora da morte, ia buscar o aperfeiçoamento de sua cultura; já não é mais a mesma instituição de leitura; já não é mais, enfim, uma biblioteca. A Biblioteca Pública de Florianópolis virou bar!

Agora, todas as tardes e noites, alguns jovens almofadinhas e uns quantos velhotes aposentados que não têm onde matar o tempo, metem-se lá dentro, a bater papo, não só entre si, mas também com os funcionários da repartição, que parece estarem fugindo aos seus deveres de auxiliares do Govêrno.

Há certos individuos até que frequentam êsse estabelecimento, como si frequentassem um café ou um clube de dança. Sirvam de exemplo: o caso do nosso "Rousseau incompreendido", que chega ao ponto de tomar chimarrão lá dentro e sentar na borda da mesa de leitura; o caso dum certo funcionário que, de vez em quando, dá para tamborilar fortemente nas mesas e contar piadas em voz alta; o caso dum velhote que, a pretexto de fazer consultas literárias, vai conversar fiado, aborrecendo a paciencia dos leitores que realmente leem.

Convenhamos que, para aqueles que frequentam a Biblioteca Pública com o intuito de se instruirem — e não para fazerem parolagem, como tantos outros — êsses abusos são prejudiciais. Ora, com tamanha algazarra, acaso pode o leitor estudioso dedicar todo o seu pensamento à leitura? Está claro que não.

E é porisso que chamamos a atenção da direção do dito estabelecimento, no sentido de que tais abusos tenham um fim, isso em proveito do estudante pobre, em proveito mesmo de Florianópolis, e em proveito, ainda, da própria Biblioteca, que, nos bons tempos, era classificada entre as melhores do sul do país.

Cláudio Bousfield Vieira

AVISO

Avisamos que só serão aceitos os artigos que vierem devidamente assinados e não nos responsabilisamos pelos conceitos emitidos nos mesmos. Os artigos, mesmo os não publicados, não serão devolvidos.

A REDAÇÃO

O Remo em Florianópolis

Em outros tempos, tempos que já não voltam, singravam nossas baias, ioles em tôdas as direções, treinando os concurrentes para as tradicionais regatas. Como recordo-me com saudades daquela época! Creança ainda, ali estava para presenciar as grandes provas, que decidiria o adversário que, sem poder prevalecer-se da politica, da posição social ou da parcialidade da arbitragem, tinha que valer-se tão sòmente do esforço muscular próprio, para alcançar a liderança a méta final. Como eram concorridas! O povo afluia em massa para os velhos trapiches e para todo o cais que dava acésso para o mar, afim de assistir com curiosidade o desenrolar do certame; os navios, quais gigantes enfurecidos, arrogantes apitavam quase que ininterruptamente, para estimular e incitar os concurrentes a exigirem o máximo de esforço, imprimindo em todo aquele ambiente muita comoção e expectativa, enquanto a assistência delirava confusamente, gritando todos a um só tempo: RIACHUELO! MARTINELLI! ALDO LUZ! Como era agradável! Como era então estimulado êste esporte tão nobre e tão eficiente no desenvolvimento fisico.

E hoje? Ah! Hoje... vai mais ou menos!... Bom, ainda os barcos cruzam os mares em tôdas as direções. Sim, para tôdas as direções, ou melhor, para tôdas as praias. E, pois, êste o único objetivo. Tem-se em vista unicamente verificar si o dia está propicio para a praia, lança-se mão de um barco, a dois, a quatro, etc., e, Coqueiros, Balneário. Ha avidez em tôrno da nossa bôa gente, em remar para êsses lugares, garbosamente, aos olhares sedutores das nossas "girls", deixando os remadores a fitarem absortos as tentadoras "filhas de Eva". Não deixa de constituir uma natural fraqueza de ser humano. Está certo e é justo, admitamos, mas, porque não aliar o útil ao agradável? Conciliemos, todavia, uma coisa à outra. Remar, ir à praia, ver as pequenas, mas também, não deixemos no ról do esquecimento, as competições náuticas, que em um passado ainda não remoto, realizavam-se com galhardia e entusiasmo. Os motivos alegados, serão os de sempre: não ha barcos, o clube está financeiramente sem recursos, ha falta de material e outros argumentos mais, que só tem entravado tôdas tentativas precedentes. Os motivos citados, são realmente razoáveis, comtudo, a verdade é que sem sacrificio e sem iniciativa, nada se consegue, muito principalmente — e infelizmente — quando se trata de nossa "ILHA". É necessário que haja estimulo, intensificação do esporte, e o elemento imprescindivel, que haja competições. Sejam estas realizadas periódicamente, nas circunstâncias em que possivel fôr e reinará em torno de nossos "sporstmen" maior animação, maior afluência e principalmente melhoria financeira com a decorrência de maior número de associados e simpatizantes do remo. Não obstante, as coisas não surgirão como por encanto, num "ABRE-TE SEZAMO". É mistér muito bôa vontade, atividade, cooperação. Ora, não sejamos pessimistas para conôsco mesmo; sejamos um pouco bairristas, porquanto isto não será egoismo, pois, o que pretendemos é levar o nome de Santa Catarina a outros recantos do nosso Brasil, onde julgam que nosso Estado nada mais é do que simples administração de um pequeno território, ocupado por um povo ainda pacato. Não, tal, não se verifica. Homens ilustres sairam de nosso meio. Grandes remadores também sairam para sobressairem-se no campeonato brasileiro do remo, elevando o bom nome "Barriga-Verde". Porque não o fazemos hoje? Tal "desideratum" poderia tomar uma certa incrementação, si, estudantes, agremiações culturais e outras instituições, em colaboração com os clubes náuticos, organizassem com êstes suas guarnições, para treinarem e se defrontarem em determinados períodos. Estas guarnições fariam parte integrante como associados dos referidos clubes, auxiliando-os, portanto, na parte financeira. Outrossim, não deixam de ser indispensáveis: os remadores em zelarem pelo patrimônio das entidades náuticas e os dirigentes dos clubes em deixar de lado uma infinidade de protocolos e outras formalidades que só visam dificultar as mais simples realizações. Não deixemos, contudo, representar isto méro impressionismo na hora da leitura; projetos sem ação, nada mais representam que "castelos no ar", portanto, ficticios. Si trabalharmos, indubitavelmente veremos surgir à tona o tão saudável e apreciado esporte, todavia, infelizmente, tão abandonado.

ARIEDAM

Os tempos mudaram

De ALCÂNTARA

O mundo que se nos presenta nos dias de hoje é um mundo agitado, onde perigosas ameaças se sucedem. E nêste dédalo de inquietações, no meio dêste alarido conturpador, poucas são as vozes que se levantam indicando-nos o caminho do bem, insulando-nos da confusão que se estabeleceu.

Sentimos que os homens vão lentamente perdendo a fé em si mesmos, e que de seus corações cada vez mais se apodera uma angústia e uma incerteza que parece não ter fim.

A arte toma novas roupagens e a poesia, a doce poesia, já não é meramente contemplativa. Transformando-se em instrumento de combate, ela chama os homens à realidade e convida-os a lutarem pelo bem comum.

O espirito do homem da nossa época não se impressiona com a suave fantasia, com os devaneios puros ou com o misticismo simbolista.

Já não existe o artista puro, o cultor das formas, àquele que vive encastelado em sua "torre de marfim", fugitivo da realidade, o esteta, o burilador de frases, o fazedor de sonetos, o criador de belas imagens, enfim, aquele que está alheio aos problemas que afligem a humanidade.

Já não é possivel tapar os ouvidos para não ouvir o apelo dos desgraçados. Êste grito lancinante, pungente, cruciante, despertou o artista de seu sono. Ao encontrar-se com a fria realidade êle viu e compreendeu que os choques provocados pela sociedade hodierna exigiam dêle tôda a sua energia. E foi assim que êle veio à vida discutir os problemas sociais.

Ouçamos as palavras de um dêsses escritores; Erico Verissimo: Os intrincados problemas politicos e econômicos no seu espantoso entrelaçamento internacional, mudaram a face das cousas e nos obrigaram a atitudes nunca imaginadas em épocas anteriores de maior bem estar e tranquilidade.

Apesar do avanço da ciência, apesar do chamado progresso dos homens, cada vez se entendem e se estimam menos, como pode um escritor contentar-se com histórias da carochinha, quando os grandes romances estão gritando por um cronista honesto? Se nós que nos vangloriamos de ser homens do pensamento; se nós que divulgamos com orgulho o nosso convivio com os livros não procuramos pronunciar uma palavra que valha por uma tentativa de paz, por um gesto de boa vontade e de esperança — quem o poderá fazer? Não nos é mais licito tocar harpa enquanto Roma arde".

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL